

## Prefácio

Rita Melissa Lepre

### Como citar (NBR6023/2025):

LEPRE, Rita Melissa. Prefácio. *In*: BATAGLIA, Patricia Unger Raphael *et al.* **Aprendizagem cooperativa**: uma experiência de ensino/aprendizagem no contexto da pós-graduação. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2026. p.9-16. DOI: <https://doi.org/10.36311/2026.978-65-5954-687-9.p9-16>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# PREFÁCIO

*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Melissa Lepre  
Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências/Departamento de Educação/Campus Bauru*

Receber o convite para prefaciar um livro como esse foi um presente! Que alegria senti ao ler essas linhas e compreender a alma desse projeto sobre a magia do encontro e sobre como o conhecimento ganha vida e sentido quando é tecido a muitas mãos e muitos corações. Comecei a lê-lo quando a Patrícia me enviou e, mesmo com a agenda lotada, não consegui parar e devorei cada palavra até o último capítulo. Ficou explícito na leitura que há encontros que não marcam apenas a agenda, marcam as pessoas e sua vida pessoal e acadêmica ao demonstrar que a Educação pode ser, antes de tudo, um ato de coragem coletiva e amor às novas gerações pela proposição de novidades. Afinal, como afirma Piaget “o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram” (Piaget, 1970, p. 53).

A ideia de escrita deste livro surgiu a partir da disciplina de Aprendizagem Cooperativa, ofertada no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) do Campus

de Marília, sob responsabilidade das professoras Patrícia Unger Raphael Bataglia e Cristiane Paiva Alves, mas tomou uma forma própria, como um organismo vivo. Um grupo de mestrandos, doutorandos e uma aluna especial – com suas bagagens únicas de educador físico, psicólogo, atriz, físico, pedagoga, terapeuta ocupacional, fonoaudióloga – descobriu, em meio a teoria e metodologias, algo ainda mais importante: a química rara da cooperação autêntica. Perceberam que aquele espaço não merecia apenas um artigo acadêmico; pedia, talvez, um testemunho, uma “escrevivência”, como proposta por um de seus membros.

Inspirados pelo conceito de Conceição Evaristo, eles se lançaram à tarefa de “escrever de nós”. Este livro, portanto, é mais do que uma obra sobre a Aprendizagem Cooperativa; é a sua própria encarnação. É a teoria respirada, vivida e transbordada em narrativas. Cada capítulo é um fio de uma mesma teia, bordado por uma das vinte e duas mãos que o compuseram, ainda que nem todas o tenha escrito, revelando a beleza complexa e imperfeita do seu avesso. É um livro de muitas vozes!

No capítulo de introdução “DE ONDE NASCEM OS SONHOS?” essas vozes falam de *check-ins*, de como se encontram ao chegar, da pedagogia do caracol e o tempo, da potência revolucionária da escuta e da beleza de se sentir pequeno diante de um céu de possibilidades, das rodas, das jornadas, dos cafés e da estrada! É um convite à leitura que, acreditem, vale grandemente a pena!

O capítulo “A CONFUSÃO EM NÓS”, de Patrícia e Vinícius, parte de uma vivência concreta na disciplina, por meio da dinâmica do barbante que forma uma teia, para explorar a “confusão” interna que sentimos quando somos desafiados a sair de um modelo individualista e competitivo e entrar em um modelo cooperativo. É um relato marcante de que a cooperação não é um método simples e fácil, mas um caminho de transformação pessoal e pedagógica.

Fábio, no capítulo “EU SEI QUE É PRA SEMPRE, ENQUANTO DURAR, EU PEÇO SOMENTE O QUE PUDER DAR”, título que li no ritmo da música<sup>1</sup>, fala sobre a necessidade de uma presença autêntica

<sup>1</sup> Música da banda brasileira Titãs - “Porque eu sei que é amor” (2009). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XTYVpIhBj1s> acesso em 30 jul. 2025.

e generosa na construção da aprendizagem cooperativa, consciente de sua participação em algo que, embora efêmero em sua forma concreta (eu sei que é pra sempre, enquanto durar...), tem o poder de marcar positivamente a trajetória daqueles com quem se encontram. É sobre a beleza e a responsabilidade de “dar o que se pode” no aqui e agora, confiando no poder transformador do coletivo (eu peço somente, o que eu puder dar...)

O capítulo “COMO CONVIDAR UM QUADRADO A SAIR DA CAVERNA DA PLANOLÂNDIA?” de Bruna e Vinícius, é uma fábula e metáfora crítica sobre os desafios de transitar de um modelo educacional centrado nos sujeitos para uma concepção cooperativa e comunitária, convidando a todos nós a repensarmos nosso lugar no mundo e na Educação, saindo de nossas próprias cavernas quadradas para dançar e construir na roda circular da cooperação.

Luciana, em “O CORPO ESTRANHO” nos apresenta uma meta-reflexão sobre o seu próprio processo de “escrevivenciar”, focando o desafio metodológico e existencial de escrever cooperativamente em um mundo acadêmico e social que valoriza o individual e, muitas vezes, a competição.

A Prof.<sup>a</sup> Patrícia, em “O EQUILIBRISTA”, nos apresenta uma reflexão sintética e profunda sobre o processo de ensino e aprendizagem a partir da perspectiva do desenvolvimento integral e sobre o papel do educador nesse processo. Ela usa a imagem central do equilibrista para explicar um conceito piagetiano fundamental, a equilibração majorante e, ao mesmo tempo, metaforizar a experiência vivida ao longo da disciplina. O capítulo seguinte, “ÉTICA, CABELO E ANZOL”, também da Prof.<sup>a</sup> Patrícia, traz uma reflexão culturalmente sensível sobre a natureza da ética, da moral e dos valores, usando um conto de Mark Twain como ponto de partida para uma discussão que é central para a educação e para a convivência em sociedade e elevando a discussão para uma esfera filosófica crucial para a Psicologia da Moralidade.

No capítulo “SEMPRE COMO UM FIM E NUNCA COMO UM MEIO”, Mateus e Patrícia, também se remetem à esfera filosófica, ao buscarem conectar a aprendizagem cooperativa ao Imperativo Categórico, proposto por Immanuel Kant, argumentando que a cooperação verdadeira

não é apenas uma estratégia eficaz, mas uma obrigação moral. Nesse sentido, não se coopera somente porque é mais eficiente ou mais divertido, mas porque é o certo a se fazer. É a expressão prática de uma convicção profunda de que cada ser humano possui uma dignidade inalienável que deve ser honrada em todas as interações. É a antítese filosófica da exploração e do egoísmo.

Natasha, em “A PARTIR DE HOJE É PROIBIDO FALAR”, também evoca Kant e faz uma bela costura teórica trazendo a contribuição de Piaget sobre a cooperação e o modelo do grupo de transformações lógicas INRC (Identidade, Negação, Recíproca e correlata), a partir da reversibilidade lógica, complementando como o princípio moral teleológico de Kant de tratar o outro sempre como um fim em si mesmo e nunca como meio. A escuta verdadeira, sensível e atenciosa é a aplicação prática desse princípio, argumentando que o caminho para a cooperação não está em suprimir as diferenças, mas em desenvolver a capacidade intelectual de entendê-las e coordená-las.

A Prof.<sup>a</sup> Cristiane e Mateus, no capítulo, “EM BUSCA DE SOL ENTRE RABISCOS”, falam sobre pertencimento, flexibilidade e a busca compartilhada por sentidos. Por meio da imagem do girassol e da referência à obra de Van Gogh, os autores argumentam que a cooperação é um ato de coragem criativa, no qual a aprendizagem individual ganha profundidade e beleza ao ser compartilhada e entrelaçada com a dos outros.

Em “DEVERIA TER CONVERSADO COM O RATO”, Vinicius, realiza uma análise de uma fábula de Paulo Coelho, a utilizando como lente para examinar os princípios fundamentais e os fracassos da cooperação quando não há inclusão das potencialidades de todos do grupo. É sobre entender que a ratoeira de um é, inevitavelmente, o problema de todos.

Nina e Natasha relatam uma experiência didática vivida na disciplina que ilustra como os princípios da Aprendizagem Cooperativa são colocados em ação para transformar uma sala de aula em um “laboratório de pensamento, emoção e convivência”. No capítulo “EM UMA ILHA PERDIDA NÃO SE PODE PERDER A COMPETÊNCIA SOCIAL”, demonstram que a competência social – a capacidade de interagir, nego-

ciar, argumentar e chegar a consensos – não é um dom (inato), mas uma competência que se desenvolve por meio de estruturas e experiências intencionais. Da mesma forma, Stefani e Thiago, em “QUEBRA-CABEÇA” relatam uma atividade proposta em uma das aulas da disciplina na qual duplas recebem letras para formar palavras, mas falta sempre uma peça, obrigando a colaboração entre todos. Assim, para que cada dupla encontrasse a própria palavra, seria preciso que todos cooperassem entre si.

Em “COMO AVALIAR NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO?”, escrito por Nina, é abordado um dos pilares mais resistentes à mudança no nosso sistema educacional: a avaliação. Nina desmonta a lógica punitiva e competitiva da avaliação tradicional e constrói, peça por peça, um novo modelo alinhado com os princípios da cooperação.

Em “VISÕES DE UM CONFLITO”, Vinícius e Bruna, desafiam a visão negativa tradicional do conflito, o reposicionando não como um problema a ser eliminado, mas como o motor essencial da aprendizagem cooperativa e do desenvolvimento tanto dos alunos quanto dos professores. Eles concluem que “vivemos em conflito” não como uma condenação, mas como uma celebração da dinâmica viva e imprevisível de uma comunidade que aprende junta.

Fábio e Bruna em “O QUE É SER VIOLENTO?” abordam a multifacetada questão da violência, a partir de violências cometidas no dia a dia, contra nós-mesmos, contra nossos colegas, contra alunos e contra grupos marginalizados. É um capítulo que argumenta que a verdadeira mudança social começa com uma autopercepção aguçada e com o compromisso de se avaliar a própria linguagem e as próprias atitudes.

Em “O FOTÓGRAFO”, Bruna nos faz um alerta de que qualquer pedagogia da cooperação deve começar pelo respeito incondicional aos limites do outro. Antes de aprendermos a trabalhar juntos, precisamos aprender a não invadir, a perguntar, a ouvir um “não” e a valorizar tanto os que performam no palco quanto os que, como a protagonista da história que conta (Mel), produzem a magia nos bastidores.

O capítulo “O QUE EU VI, O QUE ELES VIRAM”, escrito por Natasha e Stefani, demonstra que antes de cooperar em tarefas, os grupos

precisam aprender a se ver e a se reconhecer. Por meio de uma dinâmica realizada na disciplina analisam que o reconhecimento mútuo é a base para a construção da identidade individual e do tecido coletivo necessário para a cooperação, onde cada um é convidado a se conhecer melhor através do olhar generoso e, por vezes, desconcertante, do outro.

Em “PASSOS PARA A RODA”, Bruna e Cristiane, narram a experiência de uma dinâmica de aquecimento que começa com movimentos descoordenados e individuais e culmina na formação de uma roda coletiva. Esse movimento físico serve como uma metáfora estrutural para todo o processo de aprender a cooperar: é uma jornada de sair do próprio isolamento e se voltar intencionalmente para o encontro com o outro.

Mateus e Nina, em “SOMOS DIFERENTES, MAS O PORQUÊ NOS CONECTA”, apontam que a jornada de cooperação começa com a coragem de se mostrar, com suas forças e vulnerabilidades, e a habilidade de se interessar genuinamente pelo outro, ouvindo seus porquês. Nesse sentido, a diversidade se faz ponto central e não é apenas aceita, mas celebrada como fonte de sentido, transformando um grupo de indivíduos em uma comunidade capaz de criar algo maior do que qualquer um poderia produzir sozinho: o bordado!

No capítulo “A ALEGRIA É CONTAGIANTE, MAS PRECISA SER PRESERVADA”, Vinícius nos convida a resgatar a criança curiosa e entusiasmada que habita em cada aprendiz e em cada educador e a integrar, de forma equilibrada, no ambiente educacional tornando a aprendizagem não apenas séria, mas também profundamente alegre e significativa. Vinícius me fez lembrar de Snyders (1988), em “A alegria na escola”, e sua pedagogia progressista que resgata e destaca a alegria como meio e possibilidade da Educação.

Em “DESCRIÇÃO DE SENTIMENTOS”, Stefani e Cris, realizam uma análise teórica e experiencial da Comunicação Não-Violenta (CNV), a posicionando como uma postura ética transformadora fundamental para a criação de ambientes educacionais cooperativos, éticos e verdadeiramente humanos, na qual a linguagem é forma e conteúdo.

O capítulo “NÃO DÁ PARA BRINCAR DE GANGORRA SOZINHO!”, escrito pelo Thiago, trata de uma reflexão crítica sobre a cultura individualista e hierárquica na pós-graduação e defende a Aprendizagem Cooperativa como uma ferramenta de humanização e resistência dentro desse ambiente.

Vinícius, em “ÚLTIMO ATO: COMO SE ENCERRA UMA DISCIPLINA?” realiza um verdadeiro ensaio filosófico provocativo que usa o duplo sentido da palavra “disciplina” para questionar as estruturas de poder na Educação e celebrar a experiência transgressora vivida na disciplina de Aprendizagem Cooperativa que deu origem a esse livro.

Por fim, porém em um movimento que não se encerra, é realizado o “CHECK-OUT: COMO SAÍMOS?” no qual os autores realizam uma síntese viva e emocionante de toda a transformação promovida pela disciplina. Cada depoimento é um testemunho poderoso de que a vivência foi muito além do acadêmico, tocando o núcleo da identidade de cada um como educador e ser humano.

Tão fantásticos quanto os capítulos são os desenhos que compõem o livro, realizados pelo Mateus durante as aulas. Mas, sobre esses prefiro não escrever, mas evocar Eduardo Galeano e pedir a vocês, leitores: me ajudem a olhar!

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele e o mar estavam do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar! (Galeano, 2002, p. 15).

Prepare-se, então, para olhar! Prepare-se, também, para um encontro. Como cada um dos autores pergunta ao chegar: Como você chega a este encontro? Que bagagem traz consigo? Que expectativas carrega? Aqui, a academia/universidade não é uma torre de marfim para poucos; é uma

roda de conversa, um café compartilhado, um abraço sem precisar tocar. É um lugar onde se pode, finalmente, reexistir de forma cooperativa!

## **REFERÊNCIAS**

- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LPM Editores, 2002.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

# PREFÁCIO

*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Melissa Lepre  
Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências/Departamento de Educação/Campus Bauru*

Receber o convite para prefaciар um livro como esse foi um presente! Que alegria senti ao ler essas linhas e compreender a alma desse projeto sobre a magia do encontro e sobre como o conhecimento ganha vida e sentido quando é tecido a muitas mãos e muitos corações. Comecei a lê-lo quando a Patrícia me enviou e, mesmo com a agenda lotada, não consegui parar e devorei cada palavra até o último capítulo. Ficou explícito na leitura que há encontros que não marcam apenas a agenda, marcam as pessoas e sua vida pessoal e acadêmica ao demonstrar que a Educação pode ser, antes de tudo, um ato de coragem coletiva e amor às novas gerações pela proposição de novidades. Afinal, como afirma Piaget “o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram” (Piaget, 1970, p. 53).

A ideia de escrita deste livro surgiu a partir da disciplina de Aprendizagem Cooperativa, ofertada no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) do Campus

de Marília, sob responsabilidade das professoras Patrícia Unger Raphael Bataglia e Cristiane Paiva Alves, mas tomou uma forma própria, como um organismo vivo. Um grupo de mestrandos, doutorandos e uma aluna especial – com suas bagagens únicas de educador físico, psicólogo, atriz, físico, pedagoga, terapeuta ocupacional, fonoaudióloga – descobriu, em meio a teoria e metodologias, algo ainda mais importante: a química rara da cooperação autêntica. Perceberam que aquele espaço não merecia apenas um artigo acadêmico; pedia, talvez, um testemunho, uma “escrevivência”, como proposta por um de seus membros.

Inspirados pelo conceito de Conceição Evaristo, eles se lançaram à tarefa de “escrever de nós”. Este livro, portanto, é mais do que uma obra sobre a Aprendizagem Cooperativa; é a sua própria encarnação. É a teoria respirada, vivida e transbordada em narrativas. Cada capítulo é um fio de uma mesma teia, bordado por uma das vinte e duas mãos que o compuseram, ainda que nem todas o tenha escrito, revelando a beleza complexa e imperfeita do seu avesso. É um livro de muitas vozes!

No capítulo de introdução “DE ONDE NASCEM OS SONHOS?” essas vozes falam de *check-ins*, de como se encontram ao chegar, da pedagogia do caracol e o tempo, da potência revolucionária da escuta e da beleza de se sentir pequeno diante de um céu de possibilidades, das rodas, das jornadas, dos cafés e da estrada! É um convite à leitura que, acreditem, vale grandemente a pena!

O capítulo “A CONFUSÃO EM NÓS”, de Patrícia e Vinícius, parte de uma vivência concreta na disciplina, por meio da dinâmica do barbante que forma uma teia, para explorar a “confusão” interna que sentimos quando somos desafiados a sair de um modelo individualista e competitivo e entrar em um modelo cooperativo. É um relato marcante de que a cooperação não é um método simples e fácil, mas um caminho de transformação pessoal e pedagógica.

Fábio, no capítulo “EU SEI QUE É PRA SEMPRE, ENQUANTO DURAR, EU PEÇO SOMENTE O QUE PUDER DAR”, título que li no ritmo da música<sup>1</sup>, fala sobre a necessidade de uma presença autêntica

---

<sup>1</sup> Música da banda brasileira Titãs - “Porque eu sei que é amor” (2009). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XTYVpIhBj1s> acesso em 30 jul. 2025.

e generosa na construção da aprendizagem cooperativa, consciente de sua participação em algo que, embora efêmero em sua forma concreta (eu sei que é pra sempre, enquanto durar...), tem o poder de marcar positivamente a trajetória daqueles com quem se encontram. É sobre a beleza e a responsabilidade de “dar o que se pode” no aqui e agora, confiando no poder transformador do coletivo (eu peço somente, o que eu puder dar...)

O capítulo “COMO CONVIDAR UM QUADRADO A SAIR DA CAVERNA DA PLANOLÂNDIA?” de Bruna e Vinícius, é uma fábula e metáfora crítica sobre os desafios de transitar de um modelo educacional centrado nos sujeitos para uma concepção cooperativa e comunitária, convidando a todos nós a repensarmos nosso lugar no mundo e na Educação, saindo de nossas próprias cavernas quadradas para dançar e construir na roda circular da cooperação.

Luciana, em “O CORPO ESTRANHO” nos apresenta uma meta-reflexão sobre o seu próprio processo de “escrevivenciar”, focando o desafio metodológico e existencial de escrever cooperativamente em um mundo acadêmico e social que valoriza o individual e, muitas vezes, a competição.

A Prof.<sup>a</sup> Patrícia, em “O EQUILIBRISTA”, nos apresenta uma reflexão sintética e profunda sobre o processo de ensino e aprendizagem a partir da perspectiva do desenvolvimento integral e sobre o papel do educador nesse processo. Ela usa a imagem central do equilibrista para explicar um conceito piagetiano fundamental, a equilibração majorante e, ao mesmo tempo, metaforizar a experiência vivida ao longo da disciplina. O capítulo seguinte, “ÉTICA, CABELO E ANZOL”, também da Prof.<sup>a</sup> Patrícia, traz uma reflexão culturalmente sensível sobre a natureza da ética, da moral e dos valores, usando um conto de Mark Twain como ponto de partida para uma discussão que é central para a educação e para a convivência em sociedade e elevando a discussão para uma esfera filosófica crucial para a Psicologia da Moralidade.

No capítulo “SEMPRE COMO UM FIM E NUNCA COMO UM MEIO”, Mateus e Patrícia, também se remetem à esfera filosófica, ao buscarem conectar a aprendizagem cooperativa ao Imperativo Categórico, proposto por Immanuel Kant, argumentando que a cooperação verdadeira

não é apenas uma estratégia eficaz, mas uma obrigação moral. Nesse sentido, não se coopera somente porque é mais eficiente ou mais divertido, mas porque é o certo a se fazer. É a expressão prática de uma convicção profunda de que cada ser humano possui uma dignidade inalienável que deve ser honrada em todas as interações. É a antítese filosófica da exploração e do egoísmo.

Natasha, em “A PARTIR DE HOJE É PROIBIDO FALAR”, também evoca Kant e faz uma bela costura teórica trazendo a contribuição de Piaget sobre a cooperação e o modelo do grupo de transformações lógicas INRC (Identidade, Negação, Recíproca e correlata), a partir da reversibilidade lógica, complementando como o princípio moral teleológico de Kant de tratar o outro sempre como um fim em si mesmo e nunca como meio. A escuta verdadeira, sensível e atenciosa é a aplicação prática desse princípio, argumentando que o caminho para a cooperação não está em suprimir as diferenças, mas em desenvolver a capacidade intelectual de entendê-las e coordená-las.

A Prof.<sup>a</sup> Cristiane e Mateus, no capítulo, “EM BUSCA DE SOL ENTRE RABISCOS”, falam sobre pertencimento, flexibilidade e a busca compartilhada por sentidos. Por meio da imagem do girassol e da referência à obra de Van Gogh, os autores argumentam que a cooperação é um ato de coragem criativa, no qual a aprendizagem individual ganha profundidade e beleza ao ser compartilhada e entrelaçada com a dos outros.

Em “DEVERIA TER CONVERSADO COM O RATO”, Vinicius, realiza uma análise de uma fábula de Paulo Coelho, a utilizando como lente para examinar os princípios fundamentais e os fracassos da cooperação quando não há inclusão das potencialidades de todos do grupo. É sobre entender que a ratoeira de um é, inevitavelmente, o problema de todos.

Nina e Natasha relatam uma experiência didática vivida na disciplina que ilustra como os princípios da Aprendizagem Cooperativa são colocados em ação para transformar uma sala de aula em um “laboratório de pensamento, emoção e convivência”. No capítulo “EM UMA ILHA PERDIDA NÃO SE PODE PERDER A COMPETÊNCIA SOCIAL”, demonstram que a competência social – a capacidade de interagir, nego-

ciar, argumentar e chegar a consensos – não é um dom (inato), mas uma competência que se desenvolve por meio de estruturas e experiências intencionais. Da mesma forma, Stefani e Thiago, em “QUEBRA-CABEÇA” relatam uma atividade proposta em uma das aulas da disciplina na qual duplas recebem letras para formar palavras, mas falta sempre uma peça, obrigando a colaboração entre todos. Assim, para que cada dupla encontrasse a própria palavra, seria preciso que todos cooperassem entre si.

Em “COMO AVALIAR NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO?”, escrito por Nina, é abordado um dos pilares mais resistentes à mudança no nosso sistema educacional: a avaliação. Nina desmonta a lógica punitiva e competitiva da avaliação tradicional e constrói, peça por peça, um novo modelo alinhado com os princípios da cooperação.

Em “VISÕES DE UM CONFLITO”, Vinícius e Bruna, desafiam a visão negativa tradicional do conflito, o reposicionando não como um problema a ser eliminado, mas como o motor essencial da aprendizagem cooperativa e do desenvolvimento tanto dos alunos quanto dos professores. Eles concluem que “vivemos em conflito” não como uma condenação, mas como uma celebração da dinâmica viva e imprevisível de uma comunidade que aprende junta.

Fábio e Bruna em “O QUE É SER VIOLENTO?” abordam a multifacetada questão da violência, a partir de violências cometidas no dia a dia, contra nós-mesmos, contra nossos colegas, contra alunos e contra grupos marginalizados. É um capítulo que argumenta que a verdadeira mudança social começa com uma autopercepção aguçada e com o compromisso de se avaliar a própria linguagem e as próprias atitudes.

Em “O FOTÓGRAFO”, Bruna nos faz um alerta de que qualquer pedagogia da cooperação deve começar pelo respeito incondicional aos limites do outro. Antes de aprendermos a trabalhar juntos, precisamos aprender a não invadir, a perguntar, a ouvir um “não” e a valorizar tanto os que performam no palco quanto os que, como a protagonista da história que conta (Mel), produzem a magia nos bastidores.

O capítulo “O QUE EU VI, O QUE ELES VIRAM”, escrito por Natasha e Stefani, demonstra que antes de cooperar em tarefas, os grupos

precisam aprender a se ver e a se reconhecer. Por meio de uma dinâmica realizada na disciplina analisam que o reconhecimento mútuo é a base para a construção da identidade individual e do tecido coletivo necessário para a cooperação, onde cada um é convidado a se conhecer melhor através do olhar generoso e, por vezes, desconcertante, do outro.

Em “PASSOS PARA A RODA”, Bruna e Cristiane, narram a experiência de uma dinâmica de aquecimento que começa com movimentos descoordenados e individuais e culmina na formação de uma roda coletiva. Esse movimento físico serve como uma metáfora estrutural para todo o processo de aprender a cooperar: é uma jornada de sair do próprio isolamento e se voltar intencionalmente para o encontro com o outro.

Mateus e Nina, em “SOMOS DIFERENTES, MAS O PORQUÊ NOS CONECTA”, apontam que a jornada de cooperação começa com a coragem de se mostrar, com suas forças e vulnerabilidades, e a habilidade de se interessar genuinamente pelo outro, ouvindo seus porquês. Nesse sentido, a diversidade se faz ponto central e não é apenas aceita, mas celebrada como fonte de sentido, transformando um grupo de indivíduos em uma comunidade capaz de criar algo maior do que qualquer um poderia produzir sozinho: o bordado!

No capítulo “A ALEGRIA É CONTAGIANTE, MAS PRECISA SER PRESERVADA”, Vinícius nos convida a resgatar a criança curiosa e entusiasmada que habita em cada aprendiz e em cada educador e a integrar, de forma equilibrada, no ambiente educacional tornando a aprendizagem não apenas séria, mas também profundamente alegre e significativa. Vinícius me fez lembrar de Snyders (1988), em “A alegria na escola”, e sua pedagogia progressista que resgata e destaca a alegria como meio e possibilidade da Educação.

Em “DESCRIÇÃO DE SENTIMENTOS”, Stefani e Cris, realizam uma análise teórica e experiencial da Comunicação Não-Violenta (CNV), a posicionando como uma postura ética transformadora fundamental para a criação de ambientes educacionais cooperativos, éticos e verdadeiramente humanos, na qual a linguagem é forma e conteúdo.

O capítulo “NÃO DÁ PARA BRINCAR DE GANGORRA SOZINHO!”, escrito pelo Thiago, trata de uma reflexão crítica sobre a cultura individualista e hierárquica na pós-graduação e defende a Aprendizagem Cooperativa como uma ferramenta de humanização e resistência dentro desse ambiente.

Vinícius, em “ÚLTIMO ATO: COMO SE ENCERRA UMA DISCIPLINA?” realiza um verdadeiro ensaio filosófico provocativo que usa o duplo sentido da palavra “disciplina” para questionar as estruturas de poder na Educação e celebrar a experiência transgressora vivida na disciplina de Aprendizagem Cooperativa que deu origem a esse livro.

Por fim, porém em um movimento que não se encerra, é realizado o “CHECK-OUT: COMO SAÍMOS?” no qual os autores realizam uma síntese viva e emocionante de toda a transformação promovida pela disciplina. Cada depoimento é um testemunho poderoso de que a vivência foi muito além do acadêmico, tocando o núcleo da identidade de cada um como educador e ser humano.

Tão fantásticos quanto os capítulos são os desenhos que compõem o livro, realizados pelo Mateus durante as aulas. Mas, sobre esses prefiro não escrever, mas evocar Eduardo Galeano e pedir a vocês, leitores: me ajudem a olhar!

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele e o mar estavam do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar! (Galeano, 2002, p. 15).

Prepare-se, então, para olhar! Prepare-se, também, para um encontro. Como cada um dos autores pergunta ao chegar: Como você chega a este encontro? Que bagagem traz consigo? Que expectativas carrega? Aqui, a academia/universidade não é uma torre de marfim para poucos; é uma

roda de conversa, um café compartilhado, um abraço sem precisar tocar. É um lugar onde se pode, finalmente, reexistir de forma cooperativa!

## **REFERÊNCIAS**

- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LPM Editores, 2002.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.